

SENTINELA

Lígia Marcondes Machado

Ainda bem que não sou socióloga, nem historiadora e menos ainda economista. Sendo assim, não preciso entender de sindicalismo para me colocar como sindicalista: posso falar da minha experiência, do que sinto e do que vejo. É desta posição privilegiada – por que comprometida com minhas próprias idéias e crenças, e a partir da minha própria militância – que quero dizer um pouco do que penso da Adusp nestes tempos difíceis.

Sindicato cheio, assembléias com bastante público, reivindicações fortalecidas pela presença maciça da categoria não são uma utopia. A gente já viu acontecer isso antes e não tem muito tempo. Quem não se lembra – pelo menos os da nossa geração – da greve de 79 na USP? Ou das greves dos metalúrgicos do ABC? Ou dos grandes e fortes greves da Petrobrás? O que havia, então, e deixou de haver, ou o que há agora que não existia na época?

Não tenho a pretensão de apontar variável por variável de um fenômeno denso, multideterminado e multifacetado. Mas, acho que nossa função de cientista é exatamente a de buscar entender o mundo a nossa volta. E não apenas aquele pedaço de mundo que a gente pode ver no laboratório... Então, me arrisco a pensar alto e bom som.

Retrospectivamente, é fácil localizar a marca da época a que me referi. Estávamos sob uma severa ditadura militar, que apenas se propunha a uma abertura lenta e gradual. Quem se metia no trabalho sindical, em greve ou não, estava correndo riscos ou disposto a corrê-los. Estava se identificando com e como um grupo que, acho eu hoje, mais se caracterizava por oposição.

Era um grupo que se opunha à ditadura – ameaça externa – por pensamentos, palavras e obras. A grandeza deste grupo se refletiu no movimento pelas diretas-já, na fundação do Partido dos Trabalha-

dores, que podia ser e se assumia como um partido de oposição.

De um certo ponto de vista, era mais fácil fazer um trabalho sindical. Portas e assembléias abertas, o trabalhador participava porque era quase sempre o seu grupo se manifestando. Como Chico Buarque percebeu e manifestou com a competência de sempre, éramos “nós contra eles” e podíamos dizer “apesar de você, amanhã há de ser outro dia... A minha gente hoje anda...” O sindicato estava cheio de associados efetivamente participantes das lutas, das reivindicações, das eleições internas, do dia-a-dia da atividade sindical. O trabalhador lia, discutia, se informava, se organizava em bases sólidas e perspectivas amplas. E o movimento sindical crescia num fluxo organizado e abrangente.

À medida que o tempo foi passando, novos/velhos ingredientes foram se misturando a este fluxo. Em primeiro lugar, a ditadura, aparentemente, mudou de mãos. Deixou de ser comandada pelos militares e passou para o comando direto dos grandes grupos econômicos. E, no processo, descaracterizou-se aos olhos do povo como uma ditadura. Temos eleições, temos debate “político”, temos partido de esquerda; que sentido teria, então, falar em ditadura?

Era como se a “minha gente” estivesse agora com a concreta possibilidade de tomar as decisões. Para favorecer esta impressão, os democratas de hoje são os ditadores de ontem, travestidos de portavozes da democracia. Quem não se lembra de Paulo Maluf, Marco

Maciel, José Sarney e cia., de outros tempos e mesma ideologia? O continuísmo, naturalmente, significou e significa construir uma casa “nova” em cima de fundações comprometidas.

Mas, a confusão entre essência e aparência acabou por, de fato, enganar muitas pessoas. E gerou um discurso descolado da realidade. Pior, um discurso velho: o Brasil precisa crescer, o Brasil precisa se modernizar, tem que se abrir ao mercado internacional, critério, árbitro e fermento atual do mesmo bolo que um dia será dividido. Se lembram disso?

Alguns de nós nos lembramos. Para alguns está presente: “todo dia ela faz tudo sempre igual...” (Chico Buarque, *Cotidiano*). Entre os que se lembram, há os que se calam “com a boca cheia de feijão” (idem, idem). Mas, há, também, quem desatina e, novamente como o Chico Buarque diz, “viu chegar quarta-feira, acabar a brincadeira... mas ainda está sambando...”

E sambamos, nos manifestamos, nos exprimimos, nos opomos porque acreditamos que temos uma proposta melhor para todos nós.

Não podemos aceitar, basicamente, que a nossa vida tenha chegado a valer tão pouco quanto hoje. Não vou repetir estatísticas, os jornais estão cheios delas, mas viver em uma cultura na qual o homicídio é a principal causa da morte entre jovens de 15 a 24 anos deveria nos deixar preocupados. Trata-se de um dado revelador porque mostra o assassinato como a terceira causa de morte na cidade de

São Paulo, uma proeza que nos torna os campeões no Brasil.

E porque São Paulo seria privilegiada? Acho que são questões como esta que não nos deixam esquecer, que fazem com que alguns sigam se lembrando sempre. Não podemos conviver com este tipo de dado sem localizar a distorção que lhe dá origem. E essa distorção se chama desigualdade. Uma desigualdade mais evidente em São Paulo? É possível.

Enquanto essa desigualdade persistir, temos que continuar lembrando. E lutando. É nossa – nossa, de quem vê e é capaz de enxergar – luta.

Mas, são poucos os que se lembram e enxergam. Os sindicatos se esvaziam ou se transformam em grêmios, mantidos apenas pelas vantagens que conseguem para seus associados. E cadê o povo? Cadê o fluxo? Cadê as assem-

bléias cheias do tempo em que comparecer a assembléias era perigoso?

O povo está vivendo o pesadelo da violência, aquela mesma que acaba coma a vida dos jovens. Está comprando carros importados ou trabalhando duro – quem tem emprego – porque acredita que está vivendo um regime com oportunidades iguais para todos. O povo acadêmico está escrevendo e escrevendo *papers* e produzindo teses ou

trabalhando para estar em condições de fazê-lo, sozinho, individualmente. Cada um na sua. Mais do que isso: cada um contra o outro. Como dizem Márcio e Lô Borges, fazendo girar “a roda da fortuna, que mói a vida, mói o sonho, mói o pão...” Porque, em terra de desigualdade, quem está por cima é

em responsável.

Responsável por sua análise, responsável por seu contraponto, responsável por colocar na roda sua visão alternativa.

É aí que estão as pessoas que continuaram discutindo e avaliando as transformações deste país, deste tempo, desta cultura. É aí que estão

as pessoas que se mantiveram quando refluíram as massas dos sindicatos e dos movimentos populares. Num papel solitário talvez, embora menos solitário do que aquele de quem está seguindo as normas de se tornar alguém. Num papel duro, porque é preciso ter a dureza da coragem para se opor quando e onde necessário. Num papel teno – “*hay que endurecer pero sin perder la ternura*” – porque compreensivo, porque solidário, porque aliado ao companheiro de jornada, por-

que disposto a dividir, a repartir.

Para mim, um papel de sentinela. Aquela sentinela que é guardiã, que se dispõe a preservar, que se dispõe a repartir. Sentinela para a vida.

Fernando Brant me ajuda a definir a sentinela atuante, a sentinela que prepara e não apenas espera. Ainda que no refluxo.

Lígia Marcondes Machado é professora do Instituto de Psicologia da USP.

**“... Sentinela sou
do corpo do meu irmão que já se vai
revejo nessa hora tudo que ocorreu
memória não morrerá**

...

**longe, longe ouço essa voz
que o tempo não levará**

...

**a morte ainda não vai chegar
se a gente na hora de unir
os caminhos num só
não fugir nem desviar..”**

rei... Essa é a atitude que esvazia o coletivo, que mata o solidário.

Entender o vazio, por um lado, é dureza. “Desilusão, desilusão, danço eu dança você na dança da solidão”, como diz Paulinho da Viola. Mas, por outro lado, torna privilegiado quem entende: o mero (?) exercício da compreensão torna especial o estar no mundo. E, se o privilégio é o da sabedoria, entender transforma o entendedor